



Applebaum, Anne (Washington, 1964). Autora de um livro famoso, *Gulag, History of the Soviet Camps* (2003), que lhe mereceu o Prémio Pulitzer em 2004. Publicou também *Gulag Voices. An Anthology* (2011). É directora dos «Estudos Politicos» no Legatam Institute de Londres, onde escreve sobre transição política e económica. Licenciou-se em Yale. Casou em 1992 com R. Sikorki, que foi mais tarde ministro dos estrangeiros da Polónia.

O Gulag, enorme conjunto de campos de concentração soviéticos, só tem paralelo nos campos nazis de extermínio. O seu estudo é uma obra de referência, nesta área de tremenda desumanidade, que só seria extinta durante o mandato de Gorbachov. Foi criado em 1918, com Lenine, depois da revolução russa. Em 1929, Estaline expandiu o sistema para explorar a mão de obra de industrialização do país. Até à morte de Estaline, calcula-se que tenham passado pelo Gulag 18 milhões de prisioneiros. Applebaum relata-nos também as rebeliões dos anos 50 e, na «Introdução», conta-nos que comparando com os campos nazis, «a União Soviética encontrou outras formas de assassinar em massa centenas de milhares dos seus cidadãos. Normalmente eram levados para uma floresta durante a noite, alinhados, mortos com um tiro na cabeça e enterrados em valas comuns, antes que se aproximassem sequer de um campo de concentração, – uma forma de assassinio não menos *industrializada* e anónima do que a utilizada pelos nazis.» A páginas 150 da sua obra, a autora dá-nos um esquema geográfico, com a localização dos 93 campos de concentração soviéticos na Ásia. Finalmente interroga: «Quantos morre-

ram no Terror Vermelho e na guerra civil, nas vagas de fome que se seguiram à brutal política de colectivização, nas deportações em massa, nas execuções em massa, nos campos dos anos vinte, nos campos dos anos sessenta aos anos oitenta – bem como nos campos e nos assassinios em massa do reinado de Estaline. Neste caso, os números são não apenas muito mais elevados, como também constituem uma questão de pura conjectura. Os autores franceses de *O Livro Negro do Comunismo* falam em vinte milhões de vítimas. Outros autores citam números entre 10 e 12 milhões.»



Belchior, Maria de Lourdes (1923-1998). Professora universitária brilhante, é desta autora um livro notável onde a questão do dogma estruturalista, que tantos danos provocou nos alunos de literatura, ficou definitivamente esclarecida, com clareza e brilho. Intitula-se *Os Homens e os Livros II* (Séculos XIX e XX), publicado em 1971. É extensa a citação mas vale a pena lê-la.

«Com a voga da linguística e sobretudo com a aplicação discriminatória de certos métodos e fenómenos de carácter literário e ainda com a proliferação de terminologias, mais ou menos esotéricas, pareceu-me, em dado momento, que era a instauração da confusão de Babel. Confusão de terminologias, confusão de planos, confusão de conceitos... Celso Cunha alude a uma destas confusões, responsável aliás por muitos equívocos em linguística: a aplicação de métodos úteis para o rápido aprendizado de uma língua ágrafa ou de uma

língua segunda, a língua em que, como diz o código escrito consubstancia a norma de falar geral» (in *Confissões de Um Malogrado Editor de «Os Lusíadas»*, p. 234).

«Geneticamente dir-se-ia que depois do surgimento do «signo» e da exploração dos valores de «significante» e de «significado» irromperam como broteja nos tecidos da linguística, da teoria e da crítica literária, as mais desvairadas terminologias. Lexemas, semas, sintagmas, ordem icónica, texto, geno-texto, feno-texto, inter-texto, diegético, emissor e receptor, mensagem, discurso narrativo, discurso crítico – e não queremos exagerar ajuntando muitos mais termos – invadem as páginas crítica (?) contemporânea. O uso abusivo dum terminologia caótica e o novo-riquismo de certas amostras de vocabulário «crítico» justificam a reacção de alguns. Entre estes conta-se Carlos Drumond de Andrade de quem citei já em solene prova académica o poema «Exotismo», que transcrevo»:

Da leitura sintagmática

Da leitura paradigmática do enunciado

Da língua fática

Da fatividade e da não fatividade na oração principal

Libera nos Domine.

Da organização categorial da língua

Da principalidade da língua no conjunto dos sistemas semiológicos

Da concretez das unidades no estatuto que dialecaliza a língua

Da ortolinguagem

Libere nos Domine

Da camada imagética

Do espaço heterotópico

Das relações entre tropos e macrotropos

Do elemento suprassegmental

Libera nos Domine.

Da semia

Do sema, do semema, do semantema.

Libera nos Domine.

Etc.Etc.

Estas miudezas podem enfastiar os espíritos frívolos, mas para mim tenho que os menores episódios das vidas, predestinadas a grandes destinos, são factos ponderáveis nos ânimos reflexivos. Camilo, Coração, Cabeça e Estômago, cap.V.



Castelo Branco, Camilo (Lisboa, 1825 – S. Miguel de Seide, 1890). Prolífero autor português com mais de trezentos títulos, de cuja publicação vivia exclusivamente. Os seus admiradores e estudiosos, como José Régio e Miguel Torga, amam-no com reservas, falando dos seus lampejos brilhantes. Por mim, admiro esses lampejos, que são de peso, mas dificilmente aceito o seu sentimentalismo e muito menos a sua constante variabilidade ideológica. Se tivesse que eleger algumas das suas obras, aquelas que releio sempre com prazer, registaria cronologicamente: *Memórias do Cárcere* (1862); *Amor de Perdição* (1862); *Vinte Horas de Liteira* (1864); *No Bom Jesus do Monte* (1864); *Coração, Cabeça e Estômago* (1868); *Novelas do Minho* (1875-1877).

No *Bom Jesus do Monte* relata o caso ultra-romântico, em que o próprio Camilo andou envolvido, de Fanny Owen, que tuberculizou virgem, depois de fugir com um tresloucado impotente. Do *Amor de Perdição* Camilo disse: «visto à luz da luz eléctrica do criticismo moderno, é um romance romântico, declamatório, com bastantes aleijões líricos e umas ideias celeradas que chegam a tocar no desaforo do